



ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO

Tairone Lima de Sousa¹

RESUMO:

Este artigo intenta expor algumas contribuições do pensamento freireano para a educação, tomando por base a narrativa do diálogo como fio condutor da análise, com o fito de evidenciar o poder transformador e libertador da educação sobre as classes oprimidas, com vistas à sua conscientização rumo à concretização de sua destinação ontológica de ser mais. Tal estudo assume um caráter bibliográfico e de cunho qualitativo. Este artigo parte do pressuposto de que a pedagogia de Freire busca a conscientização das classes oprimidas, em que o diálogo entre educador e educando tem papel central na busca de sua libertação frente à alienação e a ideologia da classe dominante. Assim, a educação pautada no diálogo, segundo Freire, busca a humanização do homem que se reconhece como sendo capaz de ser sujeito, de pensar por si próprio e de lutar por seus direitos como cidadãos livres.

PALAVRAS-CHAVE: Conscientização, Ser Mais, Diálogo.

INTRODUÇÃO

A pedagogia freireana é caracterizada por uma perspectiva humanista e libertadora, no sentido da busca da conscientização da classe oprimida, que trava uma luta incessante por seus direitos, nem sempre presentes na educação formal, marcada pela forte presença dos saberes formais de uma elite ideologizada e desumanizante. Neste contexto, o papel do professor é caracterizado como o de detentor do saber, cujo papel é ser mero repassador dos conteúdos aos educandos, tratados como seres incapazes de pensar por si próprios, tendo como objetivo a manutenção do *status quo*. Assim, a classe opressora vê na educação um

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal/RN. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia e Metodologia da Pesquisa em Educação – FIMEPE pela UECE Campus CECITEC – Tauá – CE. E-mail: taironelima19@gmail.com



mecanismo de reprodução de seus interesses classistas, algo puramente mecânico e mecanismo de dominação do homem.

Diante das considerações acima, o objetivo deste artigo é garimpar na seara freireana, aspectos de seu pensamento que contribuam para uma educação humanizadora e libertadora, mediada segundo o mesmo pelo diálogo entre educador e educando. Para Freire, o que se vê na prática da educação, é uma educação bancária, caracterizada pela mecanização do ensinar e aprender, onde o educando é mero receptáculo de conhecimentos do seu mestre. Nesse sentido, a educação freireana é caracterizada pela luta em prol de uma educação dialógica, colocando o educando no centro do processo do ensino-aprendizagem e o professor assume o papel de mediador desse processo, e não mais o de único detentor do conhecimento, mas sim, o de mediador.

Para tal intento, tomou-se por base a pesquisa de natureza bibliográfica, que tem “a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS, MARCONI, 2007, p.71), possibilitando extrair o quanto possível as informações desejadas e dar a sua interpretação dos fatos. A natureza desta pesquisa será qualitativa por se concentrar no campo da educação e facilitar uma visão própria do autor sobre o objeto pesquisado (CHIZZOTTI, 2003).

EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Freire destaca ser a humanização uma vocação ontológica do homem, onde a busca de ser mais é a conquista de sua humanização. Esta vocação de ser mais do ser humano tem na educação os suportes culturais para sua realização. Uma educação problematizadora, crítica e dialógica, de busca incessante do saber crítico. Mas entre esta vocação ontológica do ser mais, se interpõe a desumanização, que está presente em todos os momentos histórico-culturais do homem, com o fito de sua coisificação que o faz ser menos, provocando a construção de consciências ingênuas.



Para Freire, o papel da educação, na humanização do homem, se faz incessante na prática de uma educação dialógica, problematizadora, de busca da construção coletiva do conhecimento, marcado pela criticidade e pela busca de emancipação do homem. Logo, não trata de saberes exclusivos de poucos iluminados, nem de consciências superiores. Uma educação que trabalhada no diálogo, problematiza os problemas sociais dos educandos, os liberta e os humaniza. A educação libertadora é antagonista à dominação, a uma educação que coisifica o homem e o faz ser menos, ser objeto nas mãos dos opressores. Praticando uma educação dialógica, transforma a sala de aula em um local de debates críticos sobre a realidade social dos educandos, conscientizando-os e afirmando sua vocação ontológica de ser mais. Esta requer um educador cuja postura é destacada por Freire (1970, p. 35) como sendo:

Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador.

Portanto, a desumanização provoca no homem o desejo de superar a opressão, pois albergam em si a tendência para a dignidade da vocação ontológica de ser sujeito. Somente os oprimidos tem o intento de buscar ser mais, por abrigarem o sonho da libertação, lutando contra seus opressores e sua forma de dominação.

Já na educação bancária, praticada pelos opressores, os educadores veem os educandos como vasilhas a serem preenchidas pelos conhecimentos dos opressores, os quais se reconhecem como únicos detentores do saber. Essa educação nega ao homem sua vocação ontológica de ser mais, nega a sua humanização. O próprio educador é um objeto nas mãos dos opressores, dominado por sua ideologia. A educação bancária nega o diálogo, pois este implica o reconhecimento de homem e de seu gênero numa condição de igualdade.

O diálogo é assim um monólogo, cuja fala é negada aos oprimidos. O antidiálogo busca a desumanização do homem, o faz ser menos, o diminui, nega a vocação ontológica do homem de ser mais, de humanizar-se. O antidiálogo é próprio de uma prática de uma



educação desumanizadora, que não problematiza a realidade do educando, coisificando-o e não promovendo uma educação para a liberdade.

Na educação antidialógica é suprimida condição de sujeito do homem.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferecem aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. (FREIRE, 1970, p.33).

Assim, a educação desumanizante, praticada pelos opressores, cala e oprime o homem, o faz ser menos, o coisifica através da internalização no educando sua ideologia opressora, formando consciências ingênuas e oprimidas pelos mitos burgueses.

Na medida em que esta visão ‘bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu ‘humanitarismo’, e não humanismo está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade a que nos referimos no capítulo anterior... (FREIRE, 1970, p. 34).

Apesar do caráter contraditório da educação, ela não é um todo hegemônico a serviço da classe dominante. Antes, guarda a utopia e faz os homens acreditarem em sua libertação e sua destinação ontológica ao se reconhecerem como inacabados e lutarem pela superação de sua condição de oprimidos. Assim, o inacabamento humano é condição antropológica do ser humano, que o faz projetar a utopia de uma sociedade de iguais. É o reconhecimento desta incompletude que faz o homem um ser educável.

O PAPEL DO DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO

A educação libertadora se realiza por meio do diálogo que pode se construir numa educação problematizadora, sem dicotomizar homem e mundo. Esta supera a perspectiva da educação bancária ao valorizar o homem, tomado como sujeito histórico. Assim, o diálogo é o mediador do processo de humanização do homem ao afirmar a sua condição antropológica de



ser mais e buscar a conscientização do homem através da problematização da vida dos educandos a partir de sua situacionalidade histórica. Neste contexto, cumpre ao diálogo a tarefa de fazer as devidas mediações entre os saberes instituídos rumo à conscientização dos homens e a busca de seus acabamentos. É nesta relação dialógica que educador e educando constroem uma educação humanizadora, pautada em conhecimentos críticos com o fito de formar cidadãos críticos e com consciências emancipadas. Assim, a educação humanizadora não dicotomiza o homem do mundo, antes os consideram em sua relação dialética. Por isso, Freire (1970, p. 47) afirmar que: “[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico, pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.”

A tarefa do diálogo na educação é ajudar ao educando a compreender a realidade, proporcionando a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, em que o mesmo possa se reconhecer como sujeito emancipado e consiga efetivar sua condição ontológica de ser mais.

Nesse processo, o educador, considerado mediador do ato educativo, deve posicionar-se como sujeito crítico, instigando seus alunos a refletirem sobre a realidade em que vive e a partir disso, poder nela intervir. O educador tem a tarefa de construir com os educandos o conhecimento, se reconhecendo como também sujeito e como inacabado, na busca incessante do saber, para que possa ensinar e, ao mesmo tempo, aprender.

A educação dialógica, por seu turno, implica a luta contra uma educação alienadora e opressora em que, através do diálogo, entre educador e educando, este se conscientize lutando por seus direitos, sobretudo por uma educação que o humanize e possibilite a realização de sua destinação ontológica de ser mais. Essa educação fundada no diálogo entre iguais, possibilita que possamos discutir a realidade do educando, pronunciar o mundo e assim poder transformá-lo. Nela, não se nega a condição ontológica do homem de ser mais, antes busca afirmá-lo nesta condição.

Paulo Freire, no livro *Educação como prática de liberdade* (1967), ressalta o poder da educação na formação do homem como ser livre. Tal assertiva toma a forma prática em seu



método pedagógico que assume, como estratégia de ensino, a remissão aos saberes cotidianos do educandos e seus problemas sociais. Tal assunção não é fortuita, mas busca elevar o homem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica e emancipadora das condições de exploração a que está submetido na sociedade burguesa.

Em seu método de ensino, parte de palavras geradoras do diálogo escolhidas dentro do universo vocabular do educando, facilitando assim a sua aprendizagem pelo contato que os educandos já tinham com as mesmas. Esse método de ensino não primava pela memorização das palavras, nem o educador era visto como o único detentor do saber, mas um coordenador do processo de aprendizagem. O universo vocabular era trabalhado considerando as experiências do povo, suas formas e maneiras de vida, sua cultura. Assim, a aprendizagem adquiria um significado para o educando ao tempo que o impelia a valorizar além dos saberes escolarizado, os seus saberes de vida.

Outro diferencial deste modelo de ensino foi o uso do diálogo, centrado na pergunta, instigava o aluno a perguntar, a questionar sobre os problemas sociais, levando-o a refletir acerca de suas condições de existência, resgatando a sua condição de sujeito e de cidadania. Este método utilizava o diálogo como fio condutor do seu processo de ensino, afirmando a condição antropológica do homem de ser mais, de humanizar-se. A educação deveria estar preñe de um profundo amor nos homens e nas mulheres, para que pudesse haver o diálogo transformador. Desse modo, trabalhada de maneira problematizadora e dialógica, levaria a conscientização das classes populares oprimidas e sua consequente passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica. Assim, a educação tem o papel de formar cidadãos, elevando-os de uma consciência ingênua para uma consciência crítica.

Já na educação bancária, segundo Freire, a prática cotidiana dos professores é a de quem tudo sabe, enquanto o educando é considerado como depósito dos saberes do docente. Os saberes que assumem são aqueles necessários aos educandos para a sua vivência no mundo, marcado pela ideologia do opressor, cujo objetivo é manter a classe trabalhadora oprimida, negando sua condição ontológica de ser sujeito. A educação bancária não supera a contradição educador-educando, assim ao afirma-la, nega a vocação ontológica do homem de



ser mais, nega o seu caráter de inacabamento, não possibilitando a busca de sua distinção ontológica.

Na sociedade capitalista, a escola é vista como o lugar da preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho, onde somente os mais bem preparados sobrevivem. Este modelo de sociedade, não vê na educação o lugar de discussão dos problemas sociais, mas um mecanismo de sua manutenção com suas relações de poder.

O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FREIREANA

Paulo Freire em toda a extensão de sua obra nos deixou uma em especial que retrata com mais especificidades a postura que todo docente (formados e em processo de formação), tem que adquirir ao longo de sua formação, a Pedagogia da Autonomia (1996), sua última obra publicada em vida. Para Freire, a postura do professor deveria ser a de um profissional em constante estado de reflexão ativa e recorrente sobre a sua própria prática educativa, aliando-a conhecimentos históricos, políticos e filosóficos, adquiridos em anos de formação acadêmica, condizentes com sua prática em sala de aula, para Freire “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p.11), tornando-a como objeto de profundo estado de resignificação, na medida em que o docente torna-se um profissional que reflete sua prática para que possa melhorá-la.

Neste livro Paulo Freire vai enfatizar o caráter de autonomia dos educandos, colocando os docentes em igualdade aos seus educandos. Esta autonomia, é resguardada por três pontos por ele destacado durante todo o livro, a saber: *Não há docência sem discência; Ensinar não é transferir conhecimento; ensinar é uma especificidade humana*. No primeiro ponto, *não há docência sem discência*, ele irá destacar o papel que exerce o professor na sua própria prática educativa, em que o docente deverá se reconhecer como um eterno estudante,



na medida em que deverá transformar a ideia de que tudo sabe e deverá “transferir” seus conhecimentos adiante para seus alunos. Freire (1996, p.12) irá afirmar que:

[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém [...].

Nesse sentido, o papel do professor irá muito além da “educação bancária”, da ideia de transferir conhecimentos, o docente deverá a partir do que propõe Freire, adotar uma postura crítica diante de sua própria constituição como profissional, adquirir a noção de incompletude e inacabamento, colocando-se em diálogo constante entre os dois polos de sua gênese profissional, a de um professor que será um eterno estudante.

No segundo ponto, *ensinar não é transferir conhecimento*, Paulo Freire vai apontar para o fato que marcou a história da educação brasileira (e de certo modo ainda persiste), que ensinar vai muito além da transferência de saberes do educador para o educando, colocando o professor em um pedestal em que o aluno mais sábio será aquele que obedecer e “engolir” tudo que seu mestre “despejar” dentro de si. Freire irá atrelar à postura de um profissional que se quer construir nas bases progressistas, há um profissional que adota em sua prática a postura de que

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p.27).



Neste direcionamento, Freire coloca o professor numa situação inversa daquela em que ele se encontra na prática da educação bancária, a de que tudo sabe e irá “encher” seus educandos de conhecimentos, aqui o professor está em igualdade com seus alunos, ele irá proporcionar a construção do conhecimento por parte de seus discentes, perguntando em vez de dar as respostas, trabalhando para a formação de sujeitos curiosos, inquietos e que com esta postura, possam produzir seus próprios conhecimentos, em um diálogo constante de troca de saberes. Gaston Bachelard (1882-1962), um importante cientista e epistemólogo do século XX, apesar de não ter deixado uma obra específica no campo da educação, já assinalava com tamanha visão crítica sobre o papel do professor, afirmando o mesmo que “[...] chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, em que gosta mais de respostas do que de perguntas [...]” (BACHELARD, 1996, p.19).

Para o professor é mais fácil ensinar e responder aquilo que ele já sabe, por isso em uma postura acrítica, ele não prima pelas perguntas, e sim pelas respostas. Freire destaca, a necessidade da mudança dessa postura de conformismo e autoritarismo, para uma postura engajada na busca de um ensino democrático, onde o centro do processo sempre será os interesses dos educandos, incentivando-os a perguntarem, indagarem, a constituírem-se como sujeitos curiosos, indo de encontro com sua vocação ontológica de ser mais, e com sua condição de inacabamento, necessitando sempre reinventar-se para reinventar o mundo em que vive.

No capítulo sobre *Ensinar é uma especificidade humana*, será destacado por Freire o papel do professor em relação a sua autoridade enquanto profissional em sala de aula, não devendo, segundo o mesmo, autoridade se confundir com autoritarismo, além de que esta autoridade está intimamente relacionada a formação e a competência profissional do professor, que deverá zelar por sua formação.

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não



estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 1996. P.56).

Nesse prisma, quanto mais qualificado for o professor, mais exercício de autoridade ele poderá exercer em sala de aula, pois sua competência poderá legitimar sua postura de profissional capacitado para exercer o domínio em determinadas situações, favorecendo na medida do possível o andamento do exercício docente. Vejamos o seguinte, esta postura de autoridade não deverá se confundir com uma postura de autoritarismo, o que estamos tentando mostrar (como Freire muito bem ressaltou acima), é que o exercício docente com qualidade é dependente da competência profissional do professor, pois sabemos que uma sala de aula é algo difícil de lidar, são muitos condicionantes e variáveis envolvidas, a dialética de uma sala de aula é muito complexa, por envolver sujeitos históricos diversos, e um profissional desqualificado e despreparado não irá passar segurança aos seus alunos, pelo contrário, devido a falta de competência científica (às vezes, mesmo a competência científica não significa uma prática democrática por parte do professorado, como salientou Freire), o docente em vez de autoridade democrática, irá promover um autoritarismo exacerbado.

O que devemos ter em mente diante desses inúmeros ensinamentos de Paulo Freire, é que a ação docente é condicionada pelo agir discente, não existe escola sem o aluno, assim como não existiria o ensino sem o professor, por isso Freire enfatiza a “dodiscência” – docência – discência, o ensinar, o aprender e o pesquisar são inseparáveis da prática libertadora e do aprendizado dos educandos, o professor deverá engajar em sua prática uma postura crítica, em constante diálogo com seus educandos, onde sua condição de inacabamento irá torna-lo um eterno estudante, fazendo também de seus alunos eternos aprendizes, mais donos de sua história.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em Paulo Freire tem sido objeto de muitas discussões nos meios educacionais, desde a educação formal à educação informal. Essa constatação reflete a importância de seu pensamento para o fazer educativo e suas diversas matizes, notadamente no contexto da realidade brasileira, cuja referência assume a crítica do *habitus* de uma educação opressora e reprodutora das condições de exploração a que a classe oprimida está submetida.

Neste sentido, assume a defesa de uma educação vinculada a uma prática pedagógica que harmonize o homem com o mundo, a partir de uma prática pedagógica libertadora que humanize o homem, tomando como referência educativa o diálogo. Assim, assume a crítica da educação bancária em favor de uma educação libertadora.

A educação bancária assume a forma prática de uma educação opressora e desumanizadora, onde muitos educadores a assume como forma de manterem seu posto de donos do saber, enquanto o educando é considerado um mero receptor, um ser passivo e sem voz. Por isso, fundada na ausência de diálogo, no antidiálogo, coisificando o homem e o fazendo ser menos.

Ao contrário deste tipo de educação, propõe uma educação que tenha como fio condutor o diálogo, reconhecendo a situação ontológica do homem em ser sujeito frente à construção coletiva de saberes críticos que promova uma educação humanizadora, problematizadora, que reconheça e afirme a condição ontológica do ser humano de ser um ser mais. Assim, o diálogo assume a centralidade no processo de superação da coisificação do homem ao tempo que afirma a sua vocação ontológica, condição de possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e igual para todos, pautada na solidariedade e no amor.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento** / tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios**. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 16, número 002, Universidade do Minho – Braga – Portugal, p. 221-236. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5 ed. – São Paulo : Atlas, 2003.